

# Racionalidade dialética entre mito e esclarecimento: um novo estado de submissão do homem moderno

Pe. Olmaro Mass\*

## Resumo

A partir da célebre obra *Dialética do Esclarecimento*, de Theodoro W. Adorno e Max Horkheimer intentar-se-á responder à pergunta: por que a humanidade está adentrando em uma nova espécie de barbárie, ao invés de atingir o estado pleno de desenvolvimento dos ideais iluministas? Os autores percebem que se vive sob o predomínio de um conhecimento técnico-instrumental, que tem como padrinho a razão. Palavras-chave: Mito e esclarecimento. Racionalidade instrumental. Ciência moderna.

## 1 INTRODUÇÃO

Theodoro W. Adorno e Max Horkheimer são filósofos expoentes da Escola de Frankfurt,<sup>1</sup> que, por meio de uma dialética crítica realizaram uma análise da realidade da sociedade e suas consequências na utilização das técnicas modernas. Cabe, primeiramente, lembrar os fatos históricos e que, sem dúvida, influenciaram o pensamento dessa Escola, entre eles: a experiência nazifascista na Alemanha e na Itália, a cultura de massa e a indústria cultural e, por fim, os novos parâmetros na ciência moderna, possibilitando novos avanços tecnológicos.

---

\* Formado em Filosofia e Teologia, pela Universidade Regional Integral do Alto do Uruguai e das Missões; especializando em Missiologia e Gestão Pastoral; atualmente vigário Paroquial da Paróquia de São Carlos, SC; olmaromass@hotmail.com

Não que Adorno e Horkheimer sejam antimodernistas, mas desconfiam da razão absoluta, que se tornou instrumento nas mãos do poderio capitalista, de grupos econômicos, que a usam para seus próprios interesses. Segundo eles, a razão se tornou instrumental, perdendo a sua capacidade dialética e de crítica avaliativa.

A pergunta inicial que cabe fazer é: o que os autores compreendem por Dialética do Esclarecimento e, como eles desenvolvem a tese de que o conceito de esclarecimento não pode ser reduzido a fatos acontecidos somente na modernidade? Argumentam de que mito e esclarecimento antes de manter uma oposição e de superação, como diziam os filósofos iluministas, possuem uma relação dialética de aproximação, de modo que o mito já comporta algo da racionalidade autoconservadora e o esclarecimento moderno possui resquícios do conhecimento mítico. Recorrendo à história da ciência antropológica, os autores mostram como, desde o princípio, a relação mito-esclarecimento é íntima e de aproximação.

O que interessa nesta pesquisa, nas próprias palavras de Adorno e Horkheimer, é “[...] descobrir por que a humanidade em vez de entrar num estado verdadeiramente humano, está se afundando numa nova espécie de barbárie.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 11). Isso implica pesquisar e compreender os seguintes pontos: o conceito de esclarecimento; o conceito de razão e de ciência. Enfim, o desencantamento do mundo idealizado pelo projeto iluminista.

## 2 O QUE É ESCLARECIMENTO

O que Adorno e Horkheimer entendem por esclarecimento? Para eles, o conceito de esclarecimento não pode ser reduzido às luzes do século XVIII, como na resposta à pergunta: “o que é esclarecimento”<sup>2</sup> da filosofia kantiana. Contra-pondo à ideia de Kant, de reduzir o termo à época das luzes, segundo Adorno e Horkheimer, já havia resquícios em toda a história ocidental na tentativa de explicar os acontecimentos da realidade por meio da linguagem mítica. Observa-se

O termo é usado para designar o processo de “desencantamento do Mundo”, no qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela. [...] É o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza. (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 7, 8).

O desencantamento moderno teve seu germe na natureza do mito. A forma mítica não deixa de ser conhecimento, porque já procurava esclarecer fatos, elucidar conceitos, sendo adjacente da racionalidade dos fins. Portanto, tanto o potencial mítico de conhecimento quanto a ilustração do conhecimento moderno, que se definem em uma nova roupagem, estão ligados a um processo histórico, pelo qual os homens buscam conhecer-se e libertar-se de uma natureza ainda desconhecida. O *Aufklärung* surge como uma reação ao medo. O mito, a partir de algo metafísico, atribuindo poderes ocultos a deuses, enquanto o conhecimento racional, por processos matemáticos, ou seja, por calculabilidade.

Para os dois frankfurtianos, há uma semelhança entre mito e o saber da ciência. A explicação mitológica já exercia aspecto do poder ilustrado. Mas, com o tempo, foi sendo gradualmente substituída por outra, a do esclarecimento, apoiada no conhecimento racional. “O mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1996, p. 15). Houve somente uma inversão. O conhecimento moderno transformou-se em uma nova mitologia.

Dessa forma, pode-se argumentar que o esclarecimento moderno auto-conserva em si a forma mítica de dominar o mundo. Vive-se o pânico do desencantamento e da ontologia da repetição, que é produto do próprio processo *Aufklärung*, que definiu um novo campo de ação, isto é, a humanidade iluminada e as divindades esclarecidas. A promessa de liberdade anunciada pela crença científica não levou a humanidade a um estado ideal, mas sim, resplandeceu em uma obscuridade mítica de explicação.

Compreendido o que é esclarecimento, passa-se a analisar a gênese do esclarecimento e suas consequências para a humanidade.

## 2.1 GÊNESE DO ESCLARECIMENTO

Adorno e Horkheimer (1988, p. 17) abrem a seguinte discussão com relação ao objetivo do saber moderno:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens e de investi-los na posi-

ção de senhores. [...] o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber.

Para Adorno e Horkheimer (1988), Bacon expressa de forma clara e objetiva a meta do pensamento moderno: buscar um conhecimento que conseguisse dar explicações autênticas porque os clássicos antigos, juntamente com os seus métodos, bloqueavam ou impediam a relação entre o homem e a natureza. De certa forma, o homem estava submetido e preso à ordem da natureza. No sonho iluminista, em um sentido amplo, pelo entendimento os homens não deveriam mais temer os mistérios da natureza e, muito menos, aquilo que os impedia de se tornarem autênticos.

A superioridade do homem está no conhecimento moderno. Poder e conhecimento estão mutuamente interligados. Relacionam-se um com o outro, com o mesmo objetivo, o de dominar. Isso aparece mais claramente nas palavras dos autores da obra: “O entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza desencantada. O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 18).

A razão esclarecida é uma razão emancipada, eis o espírito moderno. Para Adorno e Horkheimer (1988), Bacon captou essa mentalidade. Uma ciência insegura e que não tem método adequado precisaria ser reformulada, a fim de poder imperar livremente sobre a natureza. Os resultados esperados também devem ser de curto prazo. Tudo em virtude de promover a liberdade do homem e colocá-lo na posição de esclarecido.

O esclarecimento, na análise dos autores, eliminou sua própria autoconsciência. A razão, servindo de instrumento, perdeu sua reflexividade. A pretensão desse conhecimento técnico-instrumental é de dominar, tanto a natureza quanto o próprio homem. Ambos transformam-se em objeto: “O que os homens querem apreender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 20). O equivalente é que determina os passos da sociedade burguesa e a técnica é a essência desse saber. Portanto, os desenvolvimentos tecnológicos surgiram em razão de um domínio centralizado, instrumento estratégico e eficaz que favorece o poder econômico e político das elites.

Na visão de Adorno e Horkheimer, existem motivos suficientes para se perceber que o esclarecimento moderno tem por objetivo dominar e tornar-se uma forma absoluta de conhecimento, centrado em si. Os autores percebem que as expressões usadas já justificam claramente que: “[...] poder e conhecimento são sinônimos; para a ciência não deve haver nenhum mistério; desencantar o mundo e destruir o animismo.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 20).

Se analisar cada uma delas, pode-se perceber que estão mutuamente interligadas com a mesma pretensão. Deve-se imperar sobre a natureza livremente, para construir um conhecimento que dê conta dos problemas da humanidade. Portanto, diante da natureza e do homem, a função única do saber moderno, baseado na ciência do cálculo, é de fornecer explicações e soluções eficazes. Os discursos plausíveis, segundo o ideal iluminista, não oferecem resultado que impressione e traga novas descobertas fabulosas para construir um mundo melhor. O mito não possui mais condições suficientes para superar os obstáculos que ainda impõe. O esclarecimento moderno exige que se faça uso livre da razão, a fim de superar os problemas existentes na sociedade. A base desse conhecimento está em uma ciência segura. Com isso, segundo os autores, o “[...] esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 37), e usar de estratégias eficazes para obter resultados imediatos. A humanidade precisa descobrir o quanto antes que é possível, superar os dogmas e as explicações confusas e obscuras.

As explicações metafísicas, não concretas, são puras superstições para a ciência moderna. Definir somente o que são as coisas, padronizando-as universalmente, não pode ser mais objeto da ciência moderna. Isso era função da filosofia e da história antiga. Procurar definir o que é o ar, o fogo, a natureza, a felicidade, isto é superstição, não se chega a um resultado e a um conhecimento seguro e autêntico. A ciência e a razão procuram, a partir de uma ação prática, desenvolver hipóteses seguras que favoreçam os desenvolvimentos tecnológicos: “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 21).

A emancipação do indivíduo acontece à medida que consegue desprender-se do conhecimento mítico, de desligar-se completamente daquilo que não leva a um pensamento matemático. Pelo uso da razão, o sujeito constrói sua emancipa-

ção e, conseqüentemente, sua liberdade. Isso leva a pessoa a atingir um nível de superioridade necessária para chegar ao esclarecimento. Ao chegar ao estado de maioridade, o indivíduo se realiza como sujeito livre e esclarecido.

Passa-se a analisar o que os autores compreendem por esclarecimento. Com ele, ao reduzir o mito como forma de conhecimento inferior, transforma-se em uma nova mitologia. O mito, que também já era uma forma de dominar, foi sendo gradualmente substituído por outra forma de poder, agora, de maneira mais opressiva e determinante. “Os mitos que caem vítima do esclarecimento já eram o produto do próprio esclarecimento.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 23).

### 2.2.1 **Dialética entre mito e esclarecimento**

Para Adorno e Horkheimer (1988), é importante distinguir as duas formas de conhecimento: uma do mito e outra da ciência moderna, ou seja, do entendimento ou da razão.

O mito considerado como forma de saber procurava relatar e explicar os fenômenos que vinham acontecendo à humanidade. Já era uma forma de dominação. Por muito tempo, ele controlava e determinava de forma hegemônica e absoluta a humanidade. As pessoas ficavam submetidas a certas regras que eram impostas por meio de seus relatos. Explicitam-se: as explicações do mito provinham de pessoas que se diziam possuidoras de saberes sobrenaturais. Diziam serem abençoadas pelos deuses, por isso tinham superioridade em relação aos outros: “O mito queria relatar, dominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 23).

O mito, progressivamente, foi se tornando uma maneira de subordinar as pessoas em prol de interesses particulares, ou seja, a favor de uma pequena elite da sociedade. É semelhante à lógica do saber ilustrado. As pessoas servem-se do esclarecimento, com o objetivo de se enaltecer diante dos outros, não visando à totalidade. Sobressair-se sobre os outros é dar continuidade ao projeto explorador, mantendo o privilégio.

A manifestação dos deuses era um forte sinal que deveria ser respeitado. Os acontecimentos recebiam influência das magias, por isso não se poderiam contestá-los, mas aceitá-los com naturalidade. Com isso, pode-se compará-lo ao conhecimento da ciência. Também a ciência diz que possui a verdade. A definição que a ciência tem sobre as coisas, ou seja, sobre os objetos do mundo, é autêntica e superior ao mito ou ao senso comum. Adorno e Horkheimer (1988), contrapõem-se ao modelo científico instrumental, que institui a razão como única fonte para chegar ao estado ideal de humanidade. A promessa iluminista de tornar os homens esclarecidos pela razão, autônomos ou dependentes não se concretizou. Ao contrário, as pessoas foram se submetendo cada vez mais ao poder, impossibilitando-as de se oporem ao sistema dominante. O modelo de racionalidade centralizado na razão e na ciência, além de determinar os passos da humanidade, considera-se a única fonte válida, rejeitando qualquer outra concepção de conhecimento fora dele. A modernidade é um fenômeno novo, fechou as portas para qualquer possibilidade de retornar às origens. Tudo está direcionado a objetivos ou princípios otimistas. Percebe-se nas palavras dos autores frankfurtianos a institucionalização e concretização da razão:

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu “em-si” torna para ele. (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 24).

Para o desenvolvimento do esclarecimento moderno, a destruição do mito é essencial. É o processo de ruptura com o velho sistema. Na modernidade, o objeto é determinado pelo sujeito. Este é capaz de manipulá-lo e criar novos mecanismos, novas fórmulas, para melhor poder utilizá-lo, de acordo com sua necessidade. O conhecimento está vinculado ao uso livre da razão. Ter a competência de, por si próprio, servir-se de sua coragem, descobrindo suas potencialidade e colocá-la em prática. Pelo uso livre da razão, não há mais mistério ou barreira que não se consiga superar.

Referente ao desenvolvimento da humanidade, a substituição do mito por outro conhecimento é uma consequência lógica e necessária. É um proces-

so evolutivo que acontece naturalmente, em virtude das necessidades em que a humanidade se encontra. Para Adorno e Horkheimer (1988), ao contrário, o esclarecimento tem apenas cara diferente, porque a razão, uma vez absolutizada, puramente teleológica, usa de meios racionais que conduzem a uma refinada forma de mito.

No âmbito moderno, o mundo ou os objetos estão sob domínio dos homens. “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 21).

Entre o mito e o conhecimento racional há um forte parentesco. A razão assumiu aquilo que ela mesma desprezava, achava obscuro e supersticioso. Para os autores, a razão usada em prol da dominação da natureza e do próprio homem é opressora, portanto, instrumental. Apresentam-se aspectos de como a razão é usada com finalidades particulares.

### **2.2.2 A afirmação da racionalidade instrumental**

Na modernidade, o sujeito é que determina e possui toda a capacidade de decidir sua racionalidade. O sujeito é que fornece sentido ao objeto. A preocupação do homem, desde sempre, foi romper a imposição ou o conflito entre ele e a natureza. A relação do homem com a natureza era de dependência. A partir da matematização do saber (regras matemáticas), o sujeito consegue desprender-se em partes da natureza e começa a usufruí-la. Pela abstração, a natureza torna-se objeto. É idealizada ou reproduzida para fins econômicos. Desrespeitada, a natureza torna-se reduzida a um objeto que pode ser manipulado conforme o desejo. Portanto, a lógica da dominação acontece, quando os objetos da natureza são abstraídos para uma finalidade específica. A abstração é um elemento essencial para a ciência impor seu domínio. Então, pelo conceito de abstração, pode-se entender o domínio real do sujeito sobre o objeto. Para Adorno e Horkheimer, a abstração é sinônimo de dominação. É instrumental do esclarecimento, usada para sugar o objeto. A forma como é conduzido o procedimento não importa, o importante são os resultados. A relação que acontece com a natureza objetivada é de imposição. O que promove sustentação são os procedimentos matemáticos. “[...] Na matematização galileiana da natureza, a natureza, ela própria, é agora idealizada sob



a égide da nova matemática, ou para exprimi-lo de uma maneira moderna, ela se torna ela própria uma multiplicidade matemática.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 37). Isto é, na racionalidade moderna, há toda uma sistematização do pensamento. Tudo é desenvolvido por processos lógicos e sistemáticos.

Outro ponto em questão é o relacionamento restrito que acontece entre o dono do capital e o empregado. O dominado, aquele que, conseqüentemente, necessita trabalhar, está submetido à sociedade capitalista, não é valorizado pelo que produz. Não há um processo integrado entre o dono do capital e dono da mão de obra. O mercado predetermina sua valorização. Um dos problemas que surge em razão da concentração do capital nas mãos de alguns é a divisão das classes sociais. Nas diferentes classes sociais que a racionalidade moderna criou, ou mesmo na sociedade primitiva, de um lado está o poder, do outro, a obediência. As distintas classes sociais, em patamares diferenciados, geram uma divisão na própria sociedade. Em outras palavras, o que se tem na sociedade é uma divisão de trabalhos em diferentes níveis, mas todos estão subjugados ao poder dominante. Uma determinada classe tem a função de conduzir ou intermediar, para que se possam atingir os fins esperados de todo processo planejado pelas elites dominantes. Enquanto os outros, em uma submissão maior, sem alternativas, em uma dependência total, desempenham a função prática. Há uma hierarquia, um ‘deus’ supremo, que contém o domínio absoluto sobre os outros: “O deus supremo entre os homens surgiu com esse mundo civil, onde o rei, como chefe da nobreza, mantém os subjugados presos à terra, enquanto os médicos, adivinhos, artesãos e comerciantes se ocupam do intercâmbio social.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 28).

No entanto, o conhecimento racional, juntamente com o processo científico e a modernização tecnológica, são meios que se dizem ser eficientes, alternativos e objetivos na solução dos problemas que atingem a sociedade. São conhecimentos que vêm da razão, ela é a protetora. São noções autênticas, porque são deduções coerentes desenvolvidos pelo próprio sujeito, a partir de cálculos matemáticos. A razão é instrumento que tem por finalidade atingir um fim em si. Cabe o questionamento: a razão realmente, usa de sua autonomia na busca de soluções adequadas? As deduções que vêm da ciência são as únicas verdadeiras e seguras? De primeira vista, pode-se perceber que, em nome da “santa razão”, acontecem, nas palavras dos autores, muitas barbáries.

Referente aos problemas que a própria razão criou, Adorno e Horkheimer (1988) trazem à tona, a seguinte questão: de que forma a razão é usada como poder, meio, instrumento à serviço da ciência instrumental? No entender dos autores, o entendimento moderno tem um caráter instrumental. Ela não dá mais conta de si, por isso a razão precisa retomar seu princípio, de ser crítica. A razão deve sujeitar-se à crítica, porque esta que tem, está em função do poder alienado do capitalismo.

Ela é usada como instrumento universal servindo para a fabricação de todos os demais instrumentos. Regidamente funcionalizada, ela é tão fatal quanto a manipulação calculada com exatidão na produção material e cujos resultados para os homens escapam a todo cálculo. Cumpriu-se afinal sua velha ambiguidade de ser um órgão puro dos fins. (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 42).

Enfim, tem-se a consolidação de um conhecimento técnico instrumental, denominado pelos autores de irracionalismo manipulado: Razão e ciência como supremas e absolutas. Por meio delas, poderiam-se todos, de forma independente, desenvolver as capacidades. A própria sociedade se organizaria de tal forma que todos pudessem ter oportunidades iguais, sem alguma discriminação. Cabe novamente a questão: os problemas da humanidade foram resolvidos ou as pessoas ficaram mais ainda submetidas ao domínio? Isto leva à pesquisa sobre qual é a influência que a racionalidade instrumental exerce nas pessoas.

#### **2.2.4 Crítica à racionalidade instrumental**

Até agora vê-se como a racionalidade instrumental foi sendo consolidada e estruturada na sociedade, à medida que substituiu o mito. A grande questão que precisa ser analisada relaciona-se justamente ao por que da razão em não perceber seu irracionalismo. Por que ela não consegue retomar seu ideal crítico já que pretende ser inovadora? A ciência que penetrou profundamente em todos os campos, a partir de um formalismo lógico, mantém seu pensamento preso à calculabilidade dos fins imediatos.

Substituí os fins pelos meios, não se perguntando pelos pressupostos ou elementos usados. Diante de qualquer fenômeno, a ciência procura dar explicações, visando sempre a um fim estabelecido. A verdade é que há uma distância

entre a ciência e a realidade prática. Pode-se perguntar: que ciência é esta que não tem consciência dos problemas que cria? Os avanços, as novas tecnologias, levam à humanização ou desumanização do homem?

Além da injustiça social que influencia diversos fatores, tem-se na sociedade o problema da alienação que, além de preservar os dominantes no poder, ajuda a aprimorar a autoconservação do poder tecnológico. As pessoas não se dão conta de sua alienação e de estarem submetidas ou controladas ao poder econômico. Os indivíduos, na racionalidade instrumental, não são capazes de decidir conscientemente, pois não conseguem refletir e, muito menos, analisar criticamente a situação que os envolve.

Não é somente isso. O preço da dominação é tamanha que até mesmo as relações entre as pessoas tornam-se conflituosas. As pessoas, no sistema capitalista, estão envolvidas muito mais que em uma mera alienação.

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados: com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das relações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 40).

A compreensão da citação referida implica elucidar conceitos importantes: primeiramente, a alienação que, concretamente, pode-se perceber na relação do homem com o objeto. Produção dos desejos. A indústria cultural é um exemplo claro. As pessoas deixam-se submeter ou influenciar por causa da padronização e unificação dos objetos disponíveis. Há uma modelação da subjetividade, na qual as pessoas não conseguem desprender-se, ficando submetidas à lógica capitalista.

A racionalidade instrumental, pela sua sofisticada técnica, exerce fortes influências, conseguindo penetrar em todos os aspectos da vida humana. Para Adorno e Horkheimer (1988), a arte padronizada com finalidades próprias não pode ser considerada uma arte autêntica, mas, em compensação, ela ajuda ao poder econômico manter sua ideologia. É a arte da copiabilidade integral.<sup>3</sup> A arte na indústria cultural é predeterminada, por isso não pode ser considerada autêntica.

Com referência, ainda, ao comportamento das pessoas diante dos problemas econômicos e sociais, na racionalidade instrumental, não produz somente

uma coisificação exterior, padronizando os objetos, mas também influencia na subjetividade humana. Isto, segundo os autores, acontece porque “[...] o aparelho econômico, antes do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 40). Cabe questionar: o que realmente faz com que as pessoas se submetam a um subjetivismo total? Os valores são antecipadamente planejados ou definidos a fim de modelar o comportamento das pessoas. Portanto, há uma modelação ou coisificação da subjetividade, levando as pessoas a consumirem os produtos da indústria cultural.

Os trabalhadores, no sistema capitalista, não possuem acesso ao que eles próprios produzem. Vendem sua força de trabalho como mão de obra, como se fossem máquinas, que estão a serviço e, por isso, não podem fazer nenhuma exigência:

Ao subornar a vida inteira às exigências de sua conservação, a minoria que detém o poder garante, justamente com sua própria segurança, a perpetuação do todo. Do Homero aos tempos modernos, o espírito dominante quer navegar entre Cila da regressão à simples reprodução, a Caribe da satisfação desenfreada; ele sempre desconfiou de qualquer outra estrela-guia que não fosse a do mal menor. (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 43).

Forçado pela dominação, o trabalhador ajuda na autoconservação do dono do capital. Contudo, em consequência, força a sua auto alienação. Pode-se comparar os trabalhadores aos remadores do mito de Ulisses de Cila e Caribe. O senhor que tem os trabalhadores sob domínio fica tranquilo, descansado, enquanto eles o devem servir. Conforma-se em sua função, pois a “[...] importância não é mero protesto dos dominantes, mas a consequência lógica da sociedade industrial.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 47).

O que Adorno e Horkheimer (1988) percebem, diante de toda a situação instaurada em nome do progresso, é somente uma falsa liberdade instituída pela razão. A razão na modernidade absolutizou-se de forma teleológica, não se dando mais conta dos fins para onde quer chegar. Não consegue uma fundamentação racional, por isso conduz-se à refinada forma do mito. Instituir a igualdade, fraternidade e liberdade pela razão tornou-se a mais forte repressão. Suprimiram-se somente os valores culturais, éticos e morais.

Para Adorno, a racionalidade moderna vive diante de um contraste, de um paradoxo, ao afirmar o uso livre da razão como solução de todos os problemas,

pois, quanto mais se verificam os avanços e os desenvolvimentos tecnológicos, as ameaças tornam-se constantes à natureza e ao próprio homem. A razão, que faria com que a humanidade se emancipasse, recaiu, por fim, no mito da barbárie. A dialética entre mito e esclarecimento é um eterno processo. O esclarecimento assume o mesmo princípio do mito, o da dominação: “[...] o horror mítico do esclarecimento tem por objeto o mito.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 41). A irracionalidade tem apenas se mostrado de cara nova.

Portanto, de forma crítica, os autores se posicionam ante a racionalidade instrumental, para fazer-se compreender que se vive em uma sociedade onde a técnica, a autonomia da ciência e da razão é que são predominantes com relação às outras formas de conhecimentos.

### 3 CONCLUSÃO

Pensar ou refletir na tentativa de compreender a origem dos problemas da humanidade sempre foi a preocupação da filosofia. A Teoria Crítica, amplo movimento filosófico da escola de Frankfurt, em que Adorno e Horkheimer (1988) foram protagonistas, tinha por objetivo realizar uma análise da realidade da sociedade e seu sistema vigente. Os autores auxiliam à compreensão do motivo que a humanidade, diante da promessa iluminista em fazer com que o homem pudesse se libertar dos problemas, adentrou em uma nova espécie de barbárie. Adorno e Horkheimer (1988) perceberam que “[...] os mitos que tombam como vítima do iluminismo já eram, por sua vez, seu próprio produto.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 92). Para os autores, o homem, ao superar o seu próprio limite, sempre superassume o desejo e a vontade de vencer, mesmo que seja de qualquer custo. É o processo dialético que se alongou na história. O esclarecimento que acaba por reverter-se a uma nova mitologia, assumiu o mesmo princípio do mito, o de dominar.

Por fim, seria muito pobre deixar despercebidas a abordagem que Adorno faz em sua célebre obra *Teoria Estética*, sobre a possibilidade de superação da racionalidade instrumental pelo viés da obra de arte. O filósofo frankfurtiano dá à arte um tratamento especial, é ela que tem a missão de restituir a razão e seu papel na sociedade. Cabe a questão: de que maneira a racionalidade da arte expressa na sociedade e como ele consegue superar-se diante de uma racionalidade

dade instrumental? Em um próximo artigo, intentará se desenvolver a arte como possibilidade crítica à razão instrumental, racionalidade interna e própria que possibilitará a construção de uma nova realidade.

A única possibilidade, para Adorno, no desenvolvimento de sua teoria estética, para que a humanidade possa buscar a superação de sua irracionalidade é dar-se conta de seus atos. Por isso, é indispensável sujeitar a razão à crítica. É nas obras de arte autênticas, que se pode encontrar ainda a verdade: “[...] com o progresso do esclarecimento, só as obras de arte autênticas conseguiriam escapar à mera imitação.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1988, p. 26). Para Adorno, deve-se diferenciar o que é uma obra autêntica daquela que foi criada por finalidades econômicas. Aquelas que possuem conteúdos suficientes para se opor à racionalidade instrumental. Fica desafio para um próximo artigo desenvolver a problemática.

### ***Rationality dialectic between myth and enlightenment: a new state of submission of the modern man***

#### *Abstract*

*From the famous book *Dialectic of Enlightenment* of Theodor W. Adorno and Max Horkheimer, try answering the question that humanity is entering a new kind of barbarism instead of achieving the full development of Enlightenment ideals. The authors realize that we live under the dominance of a technical-instrumental knowledge, which is the best reason.*

*Keywords: Myth and clarification. Instrumental rationality. Modern science.*

#### Notas explicativas

<sup>1</sup> A Escola de Frankfurt (Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt) surgiu no ano de 1923 a partir da iniciativa de um grupo de pensadores alemães. O objetivo principal do instituto era realizar um exame crítico da sociedade, em geral, e em seus aspectos econômicos, culturais e de produção de conhecimento, a partir de uma perspectiva marxista renovada. A obra *Dialética do Esclarecimento* de Adorno/Horkheimer saiu pela Editora Querino, em Amsterdam, em 1947.

- <sup>2</sup> Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. O texto *Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento?* foi escrito pelo filósofo alemão Immanuel Kant, em 1783, seis anos antes da Revolução Francesa. Kant vai dizer que o iluminismo é a saída do ser humano da sua imaturidade intelectual e essa imaturidade, para ele, significa a incapacidade da pessoa servir-se do próprio entendimento, de sua razão para buscar a emancipação política e social e construir-se como sujeito autônomo.
- <sup>3</sup> Refere-se à arte como copiabilidade. Este tipo de arte tem finalidade unicamente econômica. É padronizada com técnica autêntica, mas que não revelam verdade alguma. Ela já é definida, por isso não expressa conteúdo, ou possibilidade de verdade, porque é fruto da racionalidade instrumental.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Teodoro. **Teoria Estética**. Tradução Artur Morão. Lisboa: edições 70, 1988.

ADORNO, Teodoro W.; HORKHEIMER, Marx. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

JMINEZ, Marc. **Para Ler Adorno**. Tradução Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Francisco Akvez, 1997.

KANT, Immanuel. O texto Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento? **Textos Seletos**. Edição Bilíngue. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

TIBURI, Márcia. **Crítica da Razão e Mimesis no pensamento de T.W. Adorno**. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 1995.

Recebido em 20 de fevereiro de 2009

Aceito em 31 de março de 2009

